Marta B. V. de Almeida

Nasceu no Rio de Janeiro, no anno de 1893.

Gilka da Costa M. Machado

Crystaes partidos

1915

RIO DE JANEIRO

À minha Mãe — minha primeira amiga —
o meu livro primeiro.

«Arte é ancia de conter o infinito numa expressão.»

Crystaes partidos

No torculo da fórma o alvo crystal do Sonho,
Musa, vamos polir, num labor singular:
os versos que compões, os versos que componho,
virão estrophes de ouro após emmoldurar.

Para sempre abandona esse teu ar bisonho,
esse teu taciturno, esse teu simples ar;
pois toda a perfeição que dispões e disponho,
nesta artistica empreza, é mister empregar.

Seja espelho o crystal e, em seu todo, reflicta
a tragica feição que o horror comsigo traz,
e o infinito esplendor da belleza infinita.

E, quando a rima soar, enlevada ouvirás
percutir no teu sêr, que pela Arte palpita,
o sonoro rumor do choque dos crystaes.

Silencio

A Antonio Corrêa d'Oliveira

Mysteriosa expressão da alma das cousas mudas.
Silencio — pallio immenso aos enigmas aberto,
espelho onde a tristeza universal se estampa.
Silencio — gestação das dôres crueis, agudas,
solenne imperador da Treva e do Deserto,
estagnação dos sons, berço, refugio e campa.

Silencio — tenebroso e insondavel oceano,
tudo quanto nos teus abysmos vive immerso,
tem a secreta voz dos rochedos, das lousas.
E's a concentração do sêr pensante, humano,
a vida espiritual e occulta do universo,
a communicação invisivel das cousas.

Um intimo pezar toda tua alma invade,
ó meu velho eremita! ó monge amargurado!
Dentro da cathedral da verde natureza,
ouço-te celebrar a missa da Saudade
e invocar a remota effigie do Passado,
dando-me a communhão sublime da tristeza.

Seja engano, talvez, do meu cerebro enfermo,
mas eu comprehendo os teus sentimentos profundos,
eu te sinto cantar olentes melopéas...
Foste o inicio de tudo e de tudo és o termo.
Silencio — concepção primitiva dos mundos,
cosmopéa etheral de todas as idéas.

Silencio — solidão de symptomas medonhos,
pantano onde do mal desenvolvem-se os vermes,
fonte da inspiração, rio do esquecimento,
lagôa em cujo fundo os sapos dos meus sonhos,
postos alheiamente, inanimes, inermes,
fitam de estranho ideal o fulgor opulento.

O' Silencio! O' visão subjectiva da Morte!
— refúgio passional que eu sempre busco e anceio,
gôso de recordar... torturas e confortas,
pois fazes com que ao teu influxo eu me transporte
ao seio da Saudade, a esse funereo seio
— esquife onde revejo as illusões já mortas.

Da scisma na minha alma o triste cunho imprimes,
és o somno, o desmaio, o natural mysterio,
trazes-me a sensação dos gélidos tormentos;
e si nesse teu ventre hão germinado os crimes,
no teu cérebro enorme, universal, ethereo,
têm-se desenvolvido os grandes pensamentos.

Luz

Luz — concepção primeira e cosmica da Treva!
por esse teu fulgor lançares, dispenderes,
a belleza da Forma o olhar attrahe e enleva,
gosa a vista os da Côr emotivos prazeres.

Por ti fluctua no ar dos perfumes a leva,
és o verbo de Deus, o poder dos poderes,
o alimento vital que as cousas todas ceva,
o calor que impulsiona a machina dos sêres.

E's o semen do Sol, que a Mãe-Terra fecunda,
que na treva germina e varias formas toma,
de cuja producção a humanidade é oriunda.

Possa eu sempre te vêr por tudo destribuida,
luz que és som, luz que és côr, que és sangue força, arôma,
que és idéa a medrar no cérebro da Vida.

Ancia azul

A Francisca Julia da Silva

Manhans azues, manhans cheias do pollen de ouro
que das azas o Sól levemente saccode!...
quem dera que, numa ode,
como numa redôma,
eu pudesse contêr o intangivel thezouro
da vossa luz, da vossa côr, do vosso arôma!

Manhans azues, manhans em que as aves, em bando,
entôam pelo espaço o hymno da Liberdade!
Que anceio formidando!
Que sêde de infinito o cerebro me invade!
Esta luz, esta côr, este perfume brando,
que se evola de tudo e que, de quando em quando,
o Vento — acolyto mudo,
passa thuribulando;
esta mystica fala,
que das cousas se exhala

e conclama, e resôa
em toda a natureza,
como uma etherea lôa
entoada á vossa olympica belleza;
tudo á libertação, tudo ao prazer convida
e faz com que a creatura ame um momento a Vida.

Lindas manhans azues!
manhans em que, qual um zumbido
de tão intensa, a luz
sôa por todo o ambiente, echôa-me no ouvido,
e o Sol no alto espreguiça as multiplas antennas,
quente, lucido e louro,
como um bezouro
de ouro.
Manhans suaves, serenas,
manhans tão mansas, tão macias,
que pareceis feitas de pennas
e melodias...

Tudo se espiritualisa
á vossa côr sublime, suggestiva,
onde ha dêdos de luz levemente a accenar...
a essa invencivel suggestão captiva,
na aza abstracta da brisa,
a alma das cousas sobe e fluctua pelo ar.

Eu, como as cousas, sinto indefinidas ancias:
a attracção do Ignorado,
a attracção das Distancias,

a attracção desse Azul,
ao qual meu pobre ser quizera transportado
vêr-se, da Terra exul.

E que gôso sentir-me em plena liberdade!
longe do jugo vil dos homens e da ronda
da velha Sociedade
— a messalina hedionda
que, da vida no eterno carnaval,
se exhibe phantasiada de vestal.

Manhans azues, manhans em que os vírides prados,
pelo vento ondulados,
parecem mares calmos,
e os mares, mollemente espreguiçados,
sobre as praias espalmos,
são vastos, verdes e floridos prados.
Manhans em que nas estradas
— lindas romeiras, enfileiradas,
diante do vosso sumptuoso templo,
que alto reluz — as arvores contemplo,
dansando todas, com gestos lentos,
ao som dos ventos,
na festa sacra da vossa luz!

O' magicas manhans!
vós me trazeis ao cérebro ancias vans.
O fulgor que de vós se precipita,
perturba minha vida de eremita,
açora-me os sentidos

na narcose do tedio amortecidos;
ao vêr a Natureza toda em festa,
do seu pagode abrir as portas, par em par,
o meu sêr manifesta
desejos de cantar, de vibrar, de gosar!...

Esta alma que eu carrego amarrada, tolhida,
num corpo exhausto e abjecto,
ha tanto acostumado a pertencer á Vida
como um traste qualquer, como um simples objecto,
sem gôso, sem confôrto
e indifferente como um corpo morto;
esta alma, acostumada a caminhar de rastos,
quando fito estes céos, estes campos tão vastos,
aos meus olhos ascende e deslumbrada avança,
tentando abandonar os meus membros já gastos,
a saltar, a saltar, qual uma alma de creança.
E analysando então meus movimentos,
indecisos e lentos,
de humanisada lêsma,
eu tenho a sensação de fugir de mim mêsma,
de meu sêr tornar noutro,
e sahir, a correr, qual desenfreado pôtro,
por estes campos,
escampos.

De que vale viver,
trazendo na existencia emparedado o sêr?
Pensar e, de continuo, agrilhoar as idéas
dos preceitos sociaes nas tôrpes ferropéas;

ter impetos de voar,
mas preza me manter no ergastulo do lar,
sem a libertação que o organismo requer;
ficar na inercia atróz que o idéal tolhe e quebranta...

....

Ai! antes pedra sêr, insecto, verme ou planta,
do que existir trazendo a forma da Mulher!

Aves!
Quem me déra têr azas,
para acima pairar das cousas rasas,
das podridões terrenas,
e sahir, como vós, ruflando no ar as pennas,
e saciar-me de espaço, e saciar-me de luz,
nestas manhans tão suaves!
nestas manhans azues, lyricamente azues!

Natal

Natal. Cada rumor que sae da Terra é um hymno.
No olhar de toda creança ha da alegria o brilho:
neste dia nasceu o louro Deus-Menino,
e um astro assignalou do céo seu aureo trilho.

Ante a tua infantil alegria, meu filho,
vendo-te, qual Jesus, misero e pequenino,
como de um crime ré, toda minha alma humilho,
ante o tremendo horror das trevas do Destino.

Não teve a Virgem-Mãe, quando o triste futuro
de Jesus lhe era um dia annunciado, previsto,
esta duvida atróz em que meu sêr torturo!

E por ti mando aos céos minhas supplicas mudas:
ah! prefiro te vêr soffredor como Christo,
a te saber na vida um máo, um vil, um Judas!

Estival

Ao Dr. Miranda Ribeiro

Accende-se o Verão.
A selva é uma officina,
onde operando estão
todos os elementos naturaes;
e, ao violento calôr das forjas estivaes,
a cigarra buzina,
marcando as horas de descanço e ebullição.

O ar, que de azul se adensa,
expelle irradiações de polido crystal;
o olhar se eleva e pensa
que uma poeira de vidro cae da altura,
que ha vidro em pó no chão, na montanha, no val.
O Sol culmina, o Sol deslumbra, o Sol fulgura!
— é um rutilo vitral,
pondo todo o esplendor da sua illuminura
no largo tecto azul da etherea cathedral.

A agua se inflamma, o azul se inflamma, a terra
parece toda em combustão;
o olhar a custo se discerra
e os olhos ardem, como brazas, diante
da payzagem cremante
do Verão.
Longe, distingue-se a feição das casas
qual uma singular constellação.

O ar é tão môrno
que parece provir de uma occulta cratera,
que a sensação nos traz do bafio de um fôrno.
A natureza reverbera,
e o Sol que se destaca
no azul de um céo fulmineo,
é uma accesa placa
de alumineo.

A toda vastidão da selva inunda, invade,
a solar claridade.
Nas arvores se faz um tal sopôr,
nas frondes ha uma tal oleosidade,
que as arvores, supponho, á solar claridade,
estão tresuando de calôr.

Do meio-dia na hora,
é plena a quietação; nem uma ave apressada
faz ouvir do seu vôo a cadencia sonora,
nem a expressão de um gesto o olhar divulga, nada
se move, a Terra está como que asphyxiada;
apenas, de onde em onde,
echôa pelo espaço e sae de cada fronde
um som agreste, um som nervoso e emocional,
um som de verde-vegetal:
é a cigarra que canta, é a cigarra que tece
hymnos ao Sol, ao deus possante, ardente e louro!
mas tal é a solidão na selva, que parece
a natureza inteira estar cantando em côro.

—⊱❖⊰—

Perfume

A Alberto de Oliveira

Vaga revelação das sensações secretas,
das mudas sensações dos mudos vegetaes;
arco abstracto que afina as emoções dos poetas
e que ao violino da alma arranca sons iriaes.

O' perfume que a dôr das plantas interpretas
e encerras, muita vez, desesperos mortaes!
busco sempre sentir-te errar, nas noutes quietas,
quando teu floreo corpo em somno immerso jaz.

E's um espiritual desprendimento ao luar,
si á noute sonha a flôr do calice no leito,
e és a transpiração da planta á luz solar.

Mas, si acaso te extrahe o homem — sêr destruidor,
perfume! — decomposto, inane, liquifeito,
és a essencia, és a vida, és o sangue da flôr.

Sandalo

A Antonio Egas Moniz Barreto de Aragão

Quente, esdruxulo, activo, emocional, intenso,
o sandalo espirala, o espaço ganha, berra...
e eu, que soffrêga o sôrvo em longos haustos, penso
sêr elle a emanação da volupia da Terra.

Odôr que o sangue inflamma e que um desejo immenso
de prazeres sensuaes em nossas almas ferra,
quer perfume o brancor de um rendilhado lenço,
quer percorra, a cantar, as brenhas, o êrmo, a serra.

Quando o aspiro a embriaguez em mim se manifesta,
e ebria do amôr transponho a virential floresta,
onde a Luxuria, como uma serpente, assoma...

Ha rumores marciaes, sangrentos, aggressores,
de trompas, de clarins, cornêtas e tambores,
na fórte exhalação deste infernal arôma.

Incenso

A Olavo Bilac

Quando dentro de um templo — olente flôr de prata,
o thuribulo oscilla e todo o ambiente incensa,
fica fluctuando, no ar, frouxa, azulada, immensa,
uma escada etheral, que aos poucos se desata...

Emquanto bamboleia essa escada e suspensa
paira, uma ancia de céos o meu sêr arrebata
e, por ella, a subir, numa fuga insensata,
vae minha alma ganhando o rumo azul da Crença.

O thuribulo é um sino a dobrar, quando em quando...
arde o incenso... um rumor ondula, no ar se espalma...
andam no meu olfacto azas brancas roçando...

E, si acaso de um templo o largo umbral transponho,
logo o incenso me enleva e transporta minha alma
á cathedral azul da religião do Sonho.

Odôr dos manacás

A J. M. Goulart de Andrade

De onde vem esta voz, este fundo lamento
com vagas vibrações de violino em surdina?
De onde vem esta voz que, nas azas, o Vento
me traz, na hora violacea em que o dia declina?

Esta voz vegetal, que o meu olfato attento
ouve, certo é a expansão de uma magua ferina,
é o odôr que os manacás soltam, num desalento,
sempre que a brisa os plange e as frondes lhes inclina.

Creio, aspirando-o, ouvir, numa metempsychose,
a alma errante e infeliz de uma extincta creatura
chamar anciosamente outra alma que a despose...

Uma alma que viveu sosinha e incomprehendida,
mas que, mesmo gosando uma vida mais pura,
inda chora a illusão frustrada noutra vida.

Rosas

A Luiz Murat

I

Cabe a supremacia á rosa, entre o complexo
das flôres, pelo viço e pela pompa sua,
e o arôma que ella traz sempre á corolla annexo
o coração humano excita, enleva, estua.

Quando essa flôr se ostenta á luz tibia da Lua,
o luar busca enlaçal-a, amoroso, perplexo,
e ella sonha, estremece, oscilla, ri, fluctua
e desmaia, ao sentir esse etheral amplexo.

Si é rosea lembra carne ardente, palpitante...
nivea — lembra pureza e nada ha que a supplante,
rubra — de certa bocca os labios nella vejo.

Seja qualquer a côr, por sobre o hastil de cada
rosa, vive a Mulher, nos jardins flôr tornada:
— symbolo da Volupia a excitar o Desejo.

II

Rosas cujo perfume, em noutes enluaradas,
é um sortilegio ethereo a transpôr as rechans;
rosas que á noute sois risonhas, floreas fadas,
de cutis de velludo e tenras carnes sans.

Sejaes da côr do luar ou côr das alvoradas,
rosas, sois no perfume e na alegria irmans,
e todas pareceis, á luz desabotoadas,
a concretisação dos risos das Manhans!

O' rosas de carmim! O' rosas roseas e alvas!
ha nesse vosso odôr toda a maciez das malvas,
a púbere maciez do pêcego em sazão.

Dae que eu possa gosar, ao vosso collo rente,
esse perfume, a um tempo excitante e emolliente,
numa dubia, sensual e suave sensação!

Violeta

A Mario Gameiro

E's, das flôres, a flôr que a primazia alcança,
pois flôr não ha que tenha arôma, si ao teu lado;
Jesus, ao te beijar um dia, quando creança,
o anhelito divino em ti deixou gravado.

Sempre que o teu odôr para os ares se lança,
nelle, de um violoncello escuto o som maguado,
som que é a voz da Saudade e da Desesperança,
e que me vem narrar a historia do Passado.

Amo-te porque em ti vive a tristeza impressa,
porque não és vaidosa e immersa vives, nessa
perennal solidão que o viço te não lesa.

Como podes (commigo ás vezes scismo, penso),
sendo pequena, assim, conter perfume intenso
e possuir essa austera e original belleza?

Sempre-viva

Sempre-viva, teu nome exprime quanto vales,
e, embora te não desse arôma a Natureza,
quem, como eu, padecer o maior dentre os males,
por força ha de exalçar-te a original belleza.

Quer abroches num hôrto ou na campa assignales
uma grata lembrança, eternamente accesa
vive essa chamma de ouro inserida em teu calix,
como um sol que a surgir illumine a deveza.

Exposta ao sopro rijo e inclemente do Vento,
aos queimores que o Sol impiedoso te lança,
não te rouba a tortura o fulgor opulento.

E's como esta paixão (minha paixão estulta!),
que o tumulo a enfeitar de uma extincta Esperança,
aos rigores da Sorte esplende, viça, avulta!

—⁂—

Aranhol verde

A Rodolfo Machado

Embora queira
dar-lhe nome, não sei como se chama
esta viçosa trepadeira
que de alvas flôres se recama;
sei que, ás vezes, supponho uma aranha invisivel
ande tecendo viridente trama
do meu telhado ao nivel...

Não tem um anno ainda,
mas já completamente o meu quintal ensombra,
e, por ser nova, inda é mais linda
no seu virgem verdor velludoso de alfombra.

— Incansavel fiandeira —
eil-a que, prestes,
no largo tear do espaço fios lança,
todo o telhado encobre,
alonga-o em glauco tecto,
pelas paredes pende... e a minha choça

já não tem aquelle aspecto
avelhantado e pobre,
como que se enriquece e se remoça;
e ó minha choça como ficas prazenteira,
e com que garbo, embora velha, vestes
esse fato verde que te torna creança!

Por uma destas noutes
teve ella o parto das primeiras flôres;
e, dessa noute em deante,
o meu olhar se estanca,
ante essas flôres de pellica branca,
nas quaes ella resume
a belleza da fórma e o encanto do perfume;
flôres cuja corolla
não resiste do vento aos mais leves açoutes.

Talvez fugindo aos investigadores
olhos do Sol, de lume causticante,
só pela noute escura
ou quando a luz discreta
do luar na treva rola,
ella, a florea brancura,
na escuridão projecta.

Sua sensual fragrancia,
qual magnetico fluido,
entra o meu abandono, o meu descuido,
chama, mesmo á distancia,
o meu olfacto,

que, ao seu apello,
sente,
qual pachorrento gato,
o prazer emolliente
de uma enluvada mão a acariciar-lhe o pêllo.

Mal principia a ennoutecer,
caminho, como que instinctivamente,
para o seu pallio redolente,
buscando de aspiral-a o espiritual prazer;
e ás vezes o silencio é tão pleno, é tamanho,
a solidão tão grande,
que ella, supponho, ao meu olhar se expande,
sinto-a se elastecer
e vejo-a — polvo estranho —
os tentaculos verdes distender!

Seu perfume é melloso,
tem qualquer cousa que emmacia,
qualquer cousa subtil de luxuriante gôso;
nos meus sentidos de tal fórma actua,
que a minha pelle (incrivel cousa!) fica fria:
como que me unto na fragrancia sua.
Quando agonisa o Dia,
poem-se os meus sentidos a gozar
esse perfume doce e lamuriento,
alvo como luar,
molle como unguento.

Assim, si, á sua sombra, a meditar repouzo,
frequentemente seus viçosos braços,
num gesto languoroso,
pendem pelos espaços...
e, á sensação de cada
galho que me roça pelo fragil busto,
apavorada a espio,
num rapido arrepio
de susto!
Do meu socêgo, subito, arrancada
á suggestiva solidão do ambiente,
creio nella se encontre disfarçada
uma ignorada
e vegetal serpente.

Vi-a nascer,
crescer
e florescer;
cuidosa mão plantou-a um dia,
para visual alegria
do meu sêr.
Nesta ausencia total do meu proprio prazer,
buscam sempre os prazeres exteriores,
estes olhos cansados de fitar
minhas intimas dôres;
e que gôso estender pelas manhans o olhar
no suspenso tapiz dos seus verdores!

Mas, talvez por muito amal-a,
uma idéa presaga

todo o meu sêr abala...
é que ha na planta que me delicia
amplamente estendida,
a consistencia de uma phantasia:
é um fio a sua vida...
Assim aberta, totalmente expansa,
numa alegria alviçareira,
vejo-a reproduzir minha secca esperança,
tecendo a trama da illusão primeira.

(Não tenhas tu, formosa trepadeira,
a curta duração
dessa minha illusão...)

Quando, pelas caladas
da noute, os olhos ergo á sua renda espêssa,
e alvas, esphericas, paradas,
contemplo as flôres suas
(talvez porque o seu cheiro me entonteça),
cuido esteja a florir sobre a minha cabeça
um verde céo cheio de luas!

Dentro da noute

A Annibal Cardozo de Castro

As laranjeiras estão floridas
e, sob o véo alvo do luar,
de branco assim todas vestidas,
parecem virgens a caminho para o altar.

A alma nos fica inteiramente preza
de um mystico languor,
ao perfume que exhalam na deveza
os laranjaes em flôr.

Ha um ruido de oração, de longe em longe,
anda o hyssope da Lua aspergindo todo o ar,
e o Vento reza como um velho monge,
para no altar da sombra as arvores casar.

Emquanto a noute fulge toda accesa
para a festa do Amôr,
vão desfolhando as flôres da pureza
os laranjaes em flôr...

E, fecundando as viçosas vidas,
as laranjeiras, par a par,
assim se casam nas ermidas,
nas ermidas lyriaes, lactescentes do luar.

Um pollen branco, de etheral leveza,
— porphyrisado amôr,
distribuem por toda a natureza
os laranjaes em flôr.

E, aos laranjaes que andam noivando, vêde:
a alma goza um prazer secreto e salutar,
adormecendo, como numa rêde,
neste perfume que anda a oscillar... a oscillar...

Julgo absorver a essencia da Pureza
no vosso meigo odôr,
ó virgens laranjeiras da deveza!
ó laranjaes em flôr!

—⁂—

Beijo

Beijo, beijo de amôr — ave em cuja aza crêspa
o espirito se eleva a paragens ethereas,
ignivoma, nervosa e zumbidora vêspa,
que infiltra nas arterias
da volupia o fervente e orgiaco veneno;
som que ao festivo som de um guiso se assemelha,
que a um só tempo é gemido, é gargalhada e é threno;
semente, que a vermelha
flôr da luxuria vem plantar sobre o maninho
solo da alma; licôr que se contem da bocca
na amphora coralina; espiritual carinho;
bala rubra que espôca
no labio; arredondada e rútila e sonora
phrase que vem narrar do amor todo o aureo poema,
e que entender só póde o ente que ama, que adora.
Beijo de amôr — suprêma
delicia, original pomo da arvore da alma,
cujo galho, a subir, vae pender sobre a ameia
do labio, pomo que ora excita e que ora acalma.

Dentro, em nós, mais se ateia,
ao contacto febril do labio amado e amante,
das ancias a fogueira, e dos beijos o ruido
sêr julgo o crepitar dessa fogueira estuante.
Beijo de amôr — olvido
para os males da ausencia; astro canoro e rubro
que no horizonte arcoal do labio humano aponta;
flôr que adorna do affecto o sumptuoso delubro;
aurifulgente conta
que, ó Alma! vaes enfiar no collar dos prazeres;
rumor que, em si, contem scintillas polycores,
sonora confusão das boccas e dos sêres;
mixto de sons e odores,
beijo, beijo de amôr — escandalosa lôa,
que, na festa pagan do luxuriante gôso,
em louvor á Cupido a humana bocca entôa;
elixir delicioso,
que ao paladar nos traz da saudade os resabios;
remedio com que, ó Ancia! esse teu mal ensalmas;
beijo, beijo de amôr — matrimonio dos labios
— concubito das almas.

Sensual

Quando, longe de ti, solitaria, medito
neste affecto pagão que envergonhada occulto,
vem-me ás narinas, logo, o perfume exquisito
que o teu corpo desprende e ha no teu proprio vulto.

A febril confissão deste affecto infinito
ha muito que, medrosa, em meus labios sepulto,
pois teu lascivo olhar em mim pregado, fito,
á minha castidade é como que um insulto.

Si acaso te achas longe, a collossal barreira
dos protestos que, outr'ora, eu fizera a mim mesma
de orgulhosa virtude, erige-se altaneira.

Mas, si estás ao meu lado, a barreira desaba,
e sinto da volupia a ascosa e fria lêsma
minha carne polluir com repugnante baba...

Olhos verdes

Ha na vibrante côr dos teus olhos, creatura,
a virential frescura
dos verdes e viçosos vegetaes;
teus olhos são, na côr e na espessura,
florestas virginaes,
onde das illussões o alacre bando
passa, de quando em quando,
cantando...

Olhos de expressões graves e fidalgas,
postos na introversão dos intimos scismares.
Olhos que lembram solitarias algas,
pompeando á superficie esmaecida dos mares.

Olhos onde do olhar alheio mal escondes
a túa alma asteroide, a tua alma singular,
pois, como através das frondes
côam-se pelo espaço as filandras do luar,

tua alma os olhos te ablue, inunda,
transvasa e o rosto te illumina e banha
de uma luz albuginea, luz estranha,
luz que do luar supponho oriunda.

Ha nos teus olhos a verdura intensa
das aguas mortas, das estagnações,
e quem os vê, depressa, pensa
vêr tenros tinhorões...

Olhos de cujo olhar os gonfalões desfraldas,
e deixas a rolar por todo o ambiente,
como uma chuva undante, uma chuva esplendente,
uma diliquescencia de esmeraldas.

Quando entreabro do sonho os fenestraes postigos
e aos teus olhos amigos,
para melhor os vêr, envio o olhar,
tuas pupillas julgo orvalhados pascigos
onde, sempre a pastar,
vive, das illusões proprias só das creancinhas,
o armento de ovelhinhas.

Olhos que lembram folhas pendidas,
folhas do vento na aza levadas,
postas em tristes, hiemaes jazidas
de alvacentas estradas.

Olhos macios,
cujos olhares supponho rios
a desaguarem nos olhos meus;
olhos de tal mysticismo feitos
que, olhos herej[illegible] ficam sujeitos,
só por fital-os, a crêr em Deus.

Divinos olhos, cujas pupillas,
langues, tranquillas,
são duas malvas,
malvas escuras,
abertas sempre sobre as brancuras
das corneas alvas...

Olhos com os quaes meus olhos maravilhas
de luz,
olhos que são abandonadas ilhas
do oceano á flux...
ilhas distantes,
apparecidas em alto mar,
onde os meus olhos — dous navegantes,
andam buscando sempre aportar.

Olhos serenos, olhos de creança,
de olhar queixoso como onda mansa,
como onda calma,
que lasso, leve, langue se lança
na praia solitaria da minha alma.

Olhos solennes e scismadores,
verdes como os oceanos, como as franças,
olhos — embalsamadas esperanças
postas sobre o brancor de estaticos andores.

Olhos tristonhos,
por onde vejo, em procissão e em côro,
desfilarem verdes sonhos,
sob os arcos triumphaes dos supercilios de ouro.

Olhos perfidos

Olhos da triste côr dos ambientes mortuarios,
onde paira uma luz de cirio a tremular;
eu um dia suppuz que fosseis dous alvearios,
porque havia um sabor de mel no vosso olhar.

Como no espelho arcoal de putridos aquarios
á noute se reflecte o fulgor estellar,
a vossa podridão, olhos fataes e vários,
vem, ás vezes, um lume estranho illuminar.

Vejo, si em vosso todo acaso o olhar afundo,
que, em vós, como no horror de um lodaçal immundo,
geram-se occultamente os microbios de um mal.

E eu, que buscava abrigo á alma desilludida,
toda me untei de lôdo, infeccionando a vida,
ao contagio da vossa emanação lethal!

Sino

Na solidão claustral das torres sempre pôsto,
o sino é um monge eril, um monge solitario,
que reza de mansinho a oração do desgôsto,
e desfia de sons lentamente um rosario.

O sino é a alma do templo, ao meu vêr, ao meu gosto,
é vario o seu pezar, o seu prazer é vario,
pois, si elle geme triste, ás horas do Sol-pôsto,
canta, ás vezes, alegre, um canto extraordinario.

Quando o templo é festivo elle a saltar, bimbalha,
e vôa dos seus sons pelo espaço a phalange,
como de aves estranho e barulhento bando!

Mas, quando veste o Sol do poente a aurea mortalha,
o sino plange e oscilla, o sino oscilla e plange
— thuribulo de bronze o ar de sons impregnando.

Versos verdes

A Hermes Fontes

Esperança — palmeira immensa, erguida
no Sahara da Vida,
que o pallio protector da tua sombra espalmas
á caravana das almas.

Esperança — cigarra cancioneira,
que a tua vida inteira
passas, numa algazarra
bizarra,
do sol da juventude ás claridades louras,
cantando, até que estouras.

Esperança — floresta que eu transponho
na tontura do sonho,
floresta onde perdida, ás vezes, vaga
minha alma aziaga,
anciando que desponte
no horizonte,

para aclarar-te, ó minha brenha escura!
o astro radiante da ventura,
ha tanto tempo pôsto,
que me deixou na vida a noute do desgôsto.

Esperança
— vasto e verde pascigo onde eu folgava em creança,
onde, despreoccupada,
desde o roseo raiar da madrugada,
eu ia apascentar, das phantasias minhas,
as tenras ovelhinhas.

Esperança — arvore amiga,
em cujas frondes se abriga
das illusões a passarada;
arvore que a crescer, numa etherea escalada,
ergues supplicemente os torsos braços
para os espaços,
num gesto ancioso, num gesto afflicto,
como que procurando alcançar o infinito.

Esperança! Esperança — ave que nos transportas,
em tuas azas, ás portas
da Chanaan da Phantasia;
essa tua magia
faz com que os moribundos
fiquem pensando noutros mundos,
na ancia illusoria de uma vida
jámais vivida.

O' Esperança! tu és como a Phenix lendaria,
a tua duração é indefinida, é varia,
vives a reviver das cinzas de ti mesma;
és da ventura humana o eviterno avanthesma,
o avanthesma enganoso,
a espiritual visão do inatingivel gôso.

Em derredor de ti encrespam-se, uma a uma,
as marêtas da magua, e dos sonhos a espuma
se levanta, se accende,
procurando attingir o Ideal que no alto esplende...
E tu, no emtanto, alheia
a esse inconstante mar que ora em furia estrondeia,
ora triste soluça e queixoso se espraia
do coração na praia,
ora ufano te mostra, ora busca tragar-te;
impassivel, dest'arte,
presa das almas nas ténues fibras,
como uma alga orgulhosa te equilibras
no caudaloso oceano
do anceio humano.

O' Esperança minha!
— ave de arribação, fugitiva andorinha,
com que carinho
o ninho
teceste no beiral da torre do meu sonho,
e fugiste, supponho,
ó progne erradia!
mal previste chegar da descrença a invernia.

Em tudo, em todo sêr a tua seiva impera,
desde a mais fragil flôr á mais temivel fera,
desde a lympha mais pura ao verme repellente,
tudo, tudo te sente.
Mal penetras a Terra,
estranha sensação no imo das cousas erra,
dos devaneios a horda
alvoraçada accorda,
e toda a natureza em frémitos se agita,
ao sentir-te, Esperança, a caricia bemdita;
a alma das cousas jubilosa canta,
desabrocha da flôr o sorriso na planta,
e abre-se em cada bocca a rosea flôr do riso;
pões no inferno da vida uns tons de paraizo,
e fazes enflorar todo o sêr que te encerra,
ó Primavera da alma! ó Esperança da Terra!

Esperança
— luar pacificador, luar lento de bonança,
luar mystico, luar santo,
ó luar lavado pela enxurrada do pranto!
ó luar consolador cuja luz triste e calma
penetra a noute tempestuosa da alma!
Da minha scisma as brumas illumina,
Esperança, luz divina,
luz triste, luz agonisante
de Lua-minguante!

*
* *

Toda verde eu te sonho e no verde te vejo,
busco através do verde o delicioso ensejo
de poder partilhar da benção que tu lanças
aos sêres, pelo gesto amigavel das franças.

E' verde o manto que por sobre o solo arrastas,
verdes são essas tuas cômas bastas,
as tuas longas tranças,
que derramas á flôr das aguas mansas
e emmaranhas nas frondes
onde da humana vista a tua fórma escondes.
E' verde o teu olhar, verdes teus olhos lampos,
e rastros teus supponho os campos,
e tudo reverdece ao teu divino assomo;
brotas na podridão da existencia, assim como
brota a vegetação na immundicie dos charcos.
São verdes os teus marcos,
verdes as emoções por ti sentidas,
e são verdes as vidas
alentadas no teu exhuberante seio.
E tudo quanto anceio,
e tudo quanto por ti penso,
é de um verdor intenso!

E' verde a tua luz, verde a tua alvorada,
no verde te achas concretizada.

∴

Esperança! tu que és a estrella que nos guia
na torva travessia
da estrada curva da existencia,
tem para mim clemencia!
Aclara-me, afinal, todo o espinhoso e escuro
caminho do Futuro...
As tuas luzes promissoras lança
no meu sêr, Esperança!

Espirituaes

I

Do meu amôr por ti como contar-te a historia,
si nem sei desde quando em meu cerebro o trago,
erguido assim como uma igreja merencorea,
da qual tu sempre foste o milagroso orago?

De ha tanto não te vêr, apenas, na memoria,
conservo do teu rosto um simulacro vago,
e, como desse amôr gôso supremo e gloria,
lembro de um teu sorriso o espiritual afago.

O meu amôr por ti é intangivel e puro,
desprovido de ardor, desprovido das ancias
dos prazeres carnaes, ephemeros e escassos.

Amôr em que o meu sêr totalmente depuro,
amôr que te dedico através das distancias,
como um sol a outro sol, através dos espaços.

II

O meu amôr por ti é uma arvore exilada,
verde, em pleno vigor da juvenil chimera,
que, na ampla vastidão de solitaria estrada,
ama outra arvore que, de longe, a anceia e espera.

Que importa da tristeza o hinverno ponha em cada
folha sua uma ruga e a torne velha e austera?
para que ella resurja, alegre e remoçada,
a Esperança virá qual uma Primavera:

E ha-de este nosso amôr esperançoso e lindo,
os nossos còrações, ó meu longinquo amante!
cada vez mais encher, frondejando... subindo...

Amôr mudo e soffrente, amôr calmo e tristonho
— arvore a receber de outra arvore distante
o alvo pollen da dôr para a anthese do Sonho.

III

Para que deste amôr nunca a memoria laves
vivamos sempre assim, a distancia sujeitos,
tu — ignorando sempre os meus defeitos graves,
eu — ignorando sempre os teus leves defeitos.

Como duas eguaes e extraordinarias naves
irão — rumo do ideal — nossas almas de eleitos,
ambas vogando sobre os mesmos sonhos suaves,
ao desejo que as move e imflamma nossos peitos.

Cada vez entre nós mais a distancia augmento,
para que esse almo ideal, tantos annos sonhado,
não vejamos fugir num rapido momento,

e sintamos, então, immoveis, lado a lado,
essa nausea, esse tedio, esse aniquilamento
que vem sempre depois de um desejo saciado.

Fala

O' voz desse a quem amo, ó voz flebil, macia!
O' voz que, um dia,
como um clarim festivo e promissor,
despertaste o meu sêr adormecido,
annunciando-me ao ouvido
o amanhecer triumphal do meu primeiro Amôr.

O' voz que os sonhos meus outr'ora alvoroçaste
e que hoje, num contraste,
soltas, tristonha e calma,
dentro da cathedral deserta da minha alma,
os teus solennes brados,
como um sino a dobrar, a dobrar a finados!...

O' voz de plumas e de pennas,
voz de remigios e trinados,
que dos seus labios nacarados
saes, como esperto o Sol apenas,
dos ninhos sae, de manhan cedo,
cantando, o passaredo!

O' voz! ó escada de degráos de sêda
por onde, á luz do seu olhar tristonho,
vae a minha alma, lêda,
subtilmente, galgando o varandim do Sonho!

O' voz de espiras odorosas,
voz que me ebrias e pões louca!
O' voz que saes daquella bocca
como o perfume das rosas!

O' voz colleante que deslizas
e me perpassas pelo sêr,
na caricia macia e endermica das brisas,
num frio e fluidico prazer!

O' voz de humente murmurio,
voz marulhosa, voz hiemal,
que me entras a audição como um queixoso rio,
um limpido, um cantante e liquido crystal!

No teu rumor, ó voz divina!
suspiram flautas em surdina,
ha sons soturnos e cinzentos
de violoncellos em lamentos;
sons espasmodicos de gosos,
sons que se vão intercalando,
a quando e quando,
com sons violentos e nervosos
de violinos vibrando!...

Por não te ouvir os sons dorídos
a alma de sensações trago vazia,
mas guardo inda, na concha dos ouvidos,
repercutidos,
os gorgeios, as notas, os gemidos,
dos teus ultimos sons vagos, dispersos,
cuja dolente melodia
eu quizera conter no rythmo dos meus versos.

*
* *

Fala!
rêde de pennas onde a minha alma se embala!

Fala!
— jardim suspenso que trescala
e que pelo ar se despetala...
— Ave que as azas multiplas tatala...
— crystal que no ar se parte e estala...

Meu sêr ao céo se eleva, se ala,
pela chromatica escàla
dessa fala!

Possa eu um dia inda escutal-a,
essa que o sêr todo me abala,
divina voz, divina fala!...

Olhos

«Ante palpebras, que são niveos tabernaculos
sitos no rosto seu, vae, ó Musa, depôr
mil oblações, com fé, sem prevêr os obstaculos,
a esses olhos, que são dous altares immaculos,
onde a Esperança accende um cirio ao nosso Amôr.»

Olhos feitos da côr das noutes de procella,
quando fulge no céo do raio a chamma clara.
A' luz dos olhos teus minha magua se vela.
Olhos — nêsgas de céo nocturno que se estrélla,
— céos que dessa tua alma a irradiação enluara.

Do teu rosto na lage eburnea como o luar,
são teus olhos, Amôr, duas negras aranhas,
das orbitas por entre os concavos, a fiar
a teia luminosa e longa desse olhar,
teia com que a minha alma envolves e emmaranhas.

Teus olhos dão alento aos meus dias aziagos.
Com teu olhar astral as minhas maguas curas.
Quem me dera fitar sempre teus olhos magos!
— mananciaes de fulgor, dous alvissimos lagos,
— lagos onde a brincar vivem aves escuras.

Da sclerotica sobre o limpido brancor,
essas tuas lustraes, lutulentas pupillas,
julgo flôres de untoso e espelhante trevor,
estranhas, funeraes, desabrochadas por
sobre hyalinos lençóes de lagôas tranquillas.

Teus olhos — treva e luz, teus olhos — dôr e riso:
ris — e o fulvo irradiar dos teus olhos fascina,
soffres — e em teu olhar logo a magua diviso.
Crê-me: eu rejeitaria o proprio paraiso
para dos olhos teus habitar a retina.

O teu rosto glacial, ó pallida creatura!
é um claustro solitario e, essas palpebras, são
cellas onde a passear vivem monges de escura
veste, de tredo aspeito e, em continua tristura,
da saudade rezando a secreta oração.

Na minha solidão, no meu recolhimento,
os meus olhos, da noute através da penumbra,
buscam no céo dous céos... do luar no raio lento
encontrar brilho egual... (que louco pensamento!)
á luz dos olhos teus o proprio Sol se obumbra!

Teus olhos, meu Amôr, são bonançosos mares
onde navegam dous pequeninos bateis,
trazendo irradiações dos mundos estellares!
Olhos divinamente humanos, singulares,
que dos meus olhos são amigos bons e fieis.

*
* *

Que importa os olhos teus, durante a vida inteira,
não mais possa eu revêr? (inapagavel ha-de
ficar na alma do cego a visão derradeira.)
Não mais teus olhos vêr!... (que importa esta cegueira?)
vejo-os na introversão constante da saudade.

Lago

A Nogueira da Silva

Alma branca da selva, alma de maguas cheia,
mal despontam no oriente os prenuncios solares,
eis que o lago desperta, e se espreguiça, e ondeia,
das nymphéas abrindo os florescentes luares.

E, fitando a amplidão que sobre elle se arqueia,
tem frémitos azues, sente ancias aquilares,
mas, qual Tantalo, soffre, em seus grilhões de areia,
a tortura de olhar sem attingir os ares.

A' noute, reflectindo os estellares lustres,
sonha que encerra o céo, que são flôres lacustres
os reflexos astraes, e freme, e anceia, e estua...

E na face pelluda e escura do Deserto,
scintilla o liquido olho, idiotamente aberto,
ante a nudez total e excitante da Lua.

Rio

Da petrea cathedral de esplendida cascata,
como de monjas longa e estranha procissão,
de aguas alvo cortejo, em curvas, se desata,
entoando religioso e frio cantochão.

E, ás vezes, esbordoando as rochas, pela matta,
ronca o rio raivoso em plena solidão,
e toda a fragil flôr ripúcula arrebata,
sepultando o que nelle achara berço, então.

Ha no rio a tristeza, a colera e o prazer,
em seu constante curso elle nos manifesta
todas as vibrações vitaes do humano sêr.

E julgo-o, quando o vejo espreguiçado á sesta,
um satyro, com o corpo encurvado, a lamber
o ventre virginal e verde da floresta.

⁂

Ironia do Mar

Sôa um grito de dôr... e o detono de uma onda,
como uma salva, atrôa e repercute, pelos
longes do ar... De onde veio a voz o ouvido sonda
e, em vão, busca escutar do naufrago os appellos.

E o truculento Mar sinistramente estronda,
ruge, regouga, rola, espuma em rodopelos,
e, talvez porque agora almo thezouro esconda,
cada vez mais feroz se arrepia de zelos.

Para a preza retêr, barreiras de esmeralda
ergue, e, num riso atroz de realisado gôso,
veste-a de rendas mil, de flôres a engrinalda:

move a cabeça informe, as longas cans balança,
e, alçando a larga mão, num gesto victorioso,
mostra cynicamente um cadaver de creança.

Bailado das ondas

Vêde-as: eil-as que vêm — eternas bailarinas,
para a festa nocturna e fádica do luar,
segue-as o côro alegre e alacre das ondinas,
vêde-as: eil-as que vêm, todas juntas, bailar.

Corpos nus, braços nus, que flavas serpentinas
cingem, abstractas mãos de brancura polar
surgem, despetalando orchideas argentinas,
sobre a pellucia azul do tapete do mar.

De quando em vez, na praia, uma a sorrir se apruma,
sobe num rodopio e alva côma de espuma
desnastra, serpenteando o leve corpo no ar.

E a Lua, erguendo a fronte eburnea e scismadora,
deixa rolar no azul a cabelleira loura,
pela praia alongando o indifferente olhar.

Tristeza da saudade

Vens dos longinquos horizontes...
Já o extremo fulgor do Sol se apaga;
pelo tapête verde e velloso dos montes
a tua sombra se propaga...
Caminhas lenta, em movimentos lassos,
— visão violacea e vaga,
de violêtas juncando os desertos espaços...
e ora pelas estradas,
talvez essencia tua,
um perfume de petalas fanadas,
levemente, fluctua...

Essa que trazes,
longa, arrastando pelo poente,
tunica leve e transparente,
entretecida de lilazes,
tem a tristissima côr
das gangrenas que em minha alma fez a Dôr.

Dentro da etherea cathedral da Tarde,
á religiosa paz crepuscular,
emquanto Venus, como um cirio trémulo, arde,
ouço essa tua voz, lentamente, vibrar,
na soturna expressão de um sino collossal;
e, ó sombria visão que erras atôa no ar,
Saudade universal!
sinos e corações, tudo fica a dobrar,
num grande funeral.

O' sombra macerada e intangivel dos poentes!
Saudade
que vens, qual uma irman de caridade,
velar á cabeceira dos descrentes
e pensar as profundas cicatrizes
das almas infelizes!

O' pallida coveira descarnada
que, num labor insano,
vives na eterna exhumação da ossada
dos extinctos ideaes do coração humano!

Crepuscular Saudade!
que estranha suggestão a alma da Terra invade,
quando, muda e scismatica, te pões,
na tua mediumnidade,
o espirito a invocar das mortas illusões!

Saudade espiritual que o espaço ensombras,
que a natureza toda sente,
que de arômas antigos, velhas sombras,
enches este deserto e emmudecido ambiente!

Saudade que te apuras,
quando as horas se vão tornando escuras,
e — anjo de azas pellucidas — repouzas,
voando da alma das cousas,
na alma das creaturas.

Então, Saudade minha,
a tua fórma avulta, se accentua,
e, á luz da Lua,
para mim caminha.
Vens coberta de andrajos e de espinhos,
has transposto por certo asperrimos caminhos
e, exhausta de fadiga,
nestas, da noute já, horas sombrias, mortas,
minha Saudade antiga,
entras-me da alma as portas.

Outr'ora, tremula velhinha,
tu me vinhas contar em toadas merencoreas,
contos da «Carochinha»,
longas, lindas historias;
e me falavas
em chimeras flavas,
numa terra encantada,
onde se fruia uma ventura rara,
uma ventura que ninguem inda gosara...
Terra situada além... muito além... muito além
da obscurecida estrada
de violetas do occaso,
Terra, supponho, do Supremo Bem.

Nesse tempo remoto,
abandonando-a num total descaso,
a alma deixava errar, posta á tua mercê,
e chorava em segredo, ó Saudade do Ignoto!
sem saber explicar a mim mesma porque.

Eu te sentia, então, minha Saudade linda,
porém, era feliz, porque sonhava ainda.

Como mudei e como tu mudaste!
— já se me vae encarquilhando a face
e tu, nesse teu todo esguio de haste,
tens o aspecto feral de um lirio que murchasse;
de tão alva, tão leve, tão etherea,
lembras-me a Lua lactescente e langue,
eu, bem vês como estou, o polvo da Miseria
chupou-me, pouco a pouco, a juventude e o sangue.

Minha Saudade antiga e pertinaz,
hoje te sinto ainda e já não sonho mais!

Si algumas vezes indecisa tento,
preparando os sentidos,
retrogradar a esse caminho poento
dos dias já vividos;
si a minha alma, vencida,
tenta buscar uma ventura fruida,
dentre o meu collectivo soffrimento,

por acaso, esquecida;
frustrado o meu intento,
lucta ingloria!
debalde me revolve o afflicto pensamento
o vasto cemiterio da memoria.

Saudade, te sentir pelo Passado
é trazer na alma um bem supremo perpetuado.
Infeliz quem, como eu, só no teu amargor
conseguio avaliar da ventura o sabor.

Bem merecido o mal desse que te soffrer
por um appetecido e gosado prazer.
Infeliz quem, como eu, injustamente expia.
em perpetua enxovia,
o crime de um prazer tão somente sonhado,
vivendo, dia a dia,
ao teu mando, ao teu lado,
— carcereira da Dôr — por teu olhar guardado.

Saudade, minha tremula avosinha,
já não me contas mais longas, lindas historias,
de fadas louras, de venturas illusorias,
quando, pela mudez tristissima desta hora,
vens na minha alma te asylar:
o nosso sêr aos poucos se definha,
minha
Saudade singular.
Não mais o pranto os olhos meus irrora

por te sentir, por te soffrer,
só me falas agora
na suprema ventura do Não-Ser.

Minha Saudade congelada,
Saudade que eu não posso decifrar,
és uma dôr mumificada,
uma felicidade estatelada,
uma esphinge de luar!...
E assim quêda, calada,
pairas, etherea, vaga, indefinida,
ó Saudade do Nada!
dentro da minha vida.

Nocturnos

A Alexandre Dias

Noute — amiga, piedosa enfermeira do doente
do infortunio, velando o humano somno, do ar;
alonga pela Terra o teu olhar dormente,
dá que eu possa dormir para depois sonhar.

Todo o teu sêr aclara um jubilo fremente
quando, ó mãe negra, vens teus filhos alentar
na spargose etheral do tumido crescente,
dando-nos a beber o teu leite de luar.

Na morna quietação do teu seio convexo,
no gôso fraternal desse teu largo amplexo,
dormem, serenamente, o Céo, a Terra, o Mar...

Em ti se decompõe e se fórma a existencia,
ó primeira visão da embryonaria inconsciencia,
ultima imagem que hei de em meus olhos levar!

I

Apraz-me sempre ouvir, ás horas vespertinas,
os preludios da Noute, os iriantes rumores
que, mal rolam da sombra as primeiras cortinas,
fazem soar pelo espaço os Arrebóes, as Côres.

Ha na violacea côr violinos em surdinas,
vibram no ouro clarins ruidosos e aggressores,
gemem flautas no verde, em notas tiples, finas,
rufam dentro do rubro invisiveis tambores.

Sôam na rosea côr accordes flebeis de harpas,
través o alaranjado ha guitarras chilrando,
e os sons rolando vão nas ethereas escarpas...

Ha uma breve fermata e, após, exul, tristonho,
soluça um orgam do alto, em som pauzado, brando,
dentro do azul do céo, como um sonoro sonho.

II

Na extrema exhalação da lucida existencia,
o Sol, na alcova astral do poente, além, perece;
queda-se a Natureza em muda reverencia,
o silencio recorda um extase, uma prece.

A Noute vem subindo, immensa magua vence-a,
para o enterro do Sol traz dos astros a messe.
A treva chove... ha como uma diliquescencia
de onixes, no ar, que, pouco a pouco, entenebrece.

A Noute, a negra etherea, a negra dolorosa,
projectando na terra o seu vulto de esphinge,
galga, afinal, do espaço a escada vaporosa.

E, ao sentir o rumor das nocturnas passadas,
de nuvens roxas todo o horizonte se tinge,
ha como que no azul saudades esfolhadas...

III

Anoutece. Ha por todo este immovel ambiente
a chorosa mudez, o silencio funereo
de um lar, de onde sahido haja, recentemente,
um féretro buscando a paz do cemiterio.

Anoutece. De longe um sino, lentamente,
annuncia da morte o insondavel mysterio,
e a alma, todo o pungir que o espaço sente, sente...
casa-se nossa dôr ao soffrimento ethereo.

O dia é uma illusão, o occaso um campo-santo;
as almas não são mais de que funereas lousas,
ó dias e illusões! tendes egual destino!

Um dia morto... uma illusão que morre... e, emquanto,
fóra, o sino interpreta a tristeza das cousas,
plange a tristeza em nós, como um soturno sino.

IV

Chuva de cinzas... Cae a tarde lá por fóra
na extatica mudez da Terra triste e viuva;
e da tarde ao cahir — sinto — a minha alma, agora,
embuça-se na scisma e no torpor se enluva.

Hora crepuscular, hora de nevoas, hora
em que de ignoto bem o humano sêr enviuva;
e, emquanto em cinza todo o espaço se colora,
o tedio, em nós, é como uma cinerea chuva.

Hora crepuscular — concepção e agonia,
hora em que tudo sente uma incerteza immensa,
sem saber se desponta ou se fenece o Dia;

hora em que a alma, a scismar na inconstancia da sorte,
fica dentro de nós, oscillando, suspensa,
entre o sêr e o não sêr, entre a existencia e a morte.

V

Mudo arauto annunciando a Noute que vem perto,
Vesper — o astro da Tarde, ao despontar na altura,
põe um marco de luz do espaço no deserto,
e arfa, e treme, e palpita, e faisca, e fulgura.

Surge um estrella mais... e o lume, antes incerto,
do firmamento, ao vir da escuridão se apura;
fulge o etheral palacio, em festa agora aberto,
dos luzeiros expondo a iriante illuminura.

Ha um frémito no espaço: a Noute se arrepia...
passa o Vento agitando a aza nervosa e fria,
— ave errante buscando um ninho onde se acoute.

E as estrellas, lançando a luz tremula e clara,
— lareiras do infinito, ardem suspensas, para
aquecer e dar luz á camara da Noute.

VI

Lêsmas longas, por sobre a relva espreguiçadas,
lambendo a escuridão, alvas, êrmas, tranquillas,
pelos flancos da varzea, alongam-se as estradas,
das arvores transpondo as gigantescas filas.

Uma luz, semelhante á luz das alvoradas,
no silencio escorrega... as estrellas — ancillas
da Noute, por tal lume agora deslumbradas,
piscam, de quando em vez, occultando as pupillas.

Destaca-se no longe a montanha altaneira;
lenta, lactea, marmorea, enlanguescida e lampa,
surge a Lua — nocturna e velha carpideira.

E, de manso, pranteando a morte real dos Dias,
ella deixa escorrer do infinito na campa,
as lagrimas do luar, luminosas e frias.

VII

O alvo frouxel do luar se estende pelo matto...
Um perfume subtil, preguiçoso, fluctua,
e, mal no espaço o absorve, em vão perscruta o olfacto
si elle subiu da Terra ou si desceu da Lua.

Toma-me todo o corpo um languor insensato,
fecho os olhos e sinto a alma caricia tua...
— sonho! — é apenas a luz que me amacia o tacto,
e, qual um pollen, cae na minha cutis nua.

E' a luz lunar que, humente e untosa, como colla,
escorre pelo azul... Vencel-a embora queira,
já no cerebro meu, atôa, a idéa rola...

A Lua, algida flôr de celica esponjeira,
desabrocha na altura a pallida corolla
e desprende do luar a essencia dormideira.

VIII

E' noute. Paira no ar uma etherea magia;
nem uma aza transpõe o espaço êrmo e calado;
e, no tear da amplidão, a Lua, do alto, fia
véos luminosos para o universal noivado.

Supponho sêr a treva uma alcova sombria,
onde tudo repouza unido, acasalado.
A Lua tece, borda e para a Terra envia,
finos, fluidos filós, que a envolvem lado a lado.

Uma brisa subtil, humida, fria, lassa,
erra de quando em quando. E' uma noute de bôdas
esta noute... ha por tudo um sensual arrepio.

Sinto pellos no vento... é a Volupia que passa,
flexuosa, a se roçar por sobre as cousas tôdas,
como uma gata errando em seu eterno cio.

Falando á Lua

Triste como a saudade, a dôr suprema,
raias, ó Lua, do horizonte á porta!
vens aureolada por luzente estemma,
como uma virgem morta.

Como és formosa, minha Lua, quando,
esparzindo no céo teus raios lentos,
as almas de tristezas vaes semeando,
para colher lamentos!...

Lua amiga, marmorea Lua-cheia,
— alma da Noute, mystica lanterna,
á minha dôr traz luz, de luz semeia
a minha noute eterna!

Rosa que em pleno azul desabrochaste,
rosa, rosa de luz, astro maguado,
perola immensa no ceruleo engaste,
tumulo do Passado.

Ninho das minhas prófugas chimeras,
diadema que da Noute a fronte cinges,
sultana que, pompeando, do alto imperas,
com mysterios de esphinges!

Cofre de amôr, ó inviolavel cofre!
anjo que a minha solidão povôas,
consoladora amiga de quem soffre,
irman das almas bôas.

Lua — fogueira dos jardins celestes,
que lanças magas, malfazejas luzes,
e os nossos sonhos attrahindo, prestes,
a cinzas os reduzes.

Lua — reflexo da immortal e pura
alma da excelsa e celestial Maria,
fonte que entornas da estrellada altura
a tua luz sombria...

E's a caçoula que no céo incensa,
de Deus o solio, teu incenso é feito
dos ais que accolhes, ais de magua immensa,
que saem de algum peito.

Da mysteriosa Noute és o mysterio,
das almas és o livro, a triste historia;
teu raio é para mim balsamo ethereo,
ó Lua merencorea!

Mas, dize: — porque sempre que te fito
— anjo ou demonio que no empyreo vagas —
fazes lembrar-me de um amôr maldito,
lá, das ceruleas plagas?

Porque razão os raios teus não agem
contra esta magua, esta saudade crua,
e desse que amo vens trazer-me a imagem
na claridade tua?

Oh! si possivel, astro meu, te fosse
fazer esse ente dedicar-me affecto,
como o viver, então, ser-me-ia dôce,
de ventura repleto!...

Ao menos, Lua branca, Lua fria,
minora o mal que a alma me opprime e invade,
nos raios teus um seu suspiro envia,
leva-lhe esta saudade...

Nada ha que o teu silencio desencante,
astro onde os ais de um pobre amôr aninho,
e foges — nivea pomba soluçante,
a procura de ninho...

Ao som de um sino

Tange longe um sino, numa igreja em festa
(como o som do sino no meu sêr actua!)
um prazer ingenuo tudo manifesta,
julgo a natureza um templo acceso, em festa,
cujo ambiente incensa com o luar a Lua.

Tange longe um sino, tange alegremente,
mas tristeza espessa ora minha alma encobre,
é que bem no fundo do meu sêr soffrente,
por ouvir o sino soar alegremente,
da saudade o sino solta o triste dobre.

Passam moças rindo, prazenteiras, bellas,
qual um bando alacre de anjos palradores;
e eu recordo, então, que tive a edade dellas,
moças, rudes, sim, porém felizes, bellas,
e fui sempre velha pelos dissabores.

Anda assim minha alma divagando atôa,
na penumbra triste do meu lar sem brilho;
um rumôr macio, preguiçoso, sôa:
é a canção que solta, vagamente, atôa,
minha irmã buscando adormecer meu filho.

Ah! meu pobre filho! que remorso immenso
minha mente punge, minha paz trucida,
sempre que te fito, sempre que em ti penso!
Como devo expiar este meu crime immenso
de te haver legado o grande mal da vida?

Por um méro gôso da materia immunda,
vieste ao mundo — fructo da volupia minha,
tua dôr será desse prazer oriunda,
e hei de ver-te posto na existencia immunda,
na existencia humana, de prazer mesquinha.

Hoje, no meu êrro toda concentrada,
com pezar eu vejo, com pezar eu sinto
(quando já podia não restar mais nada,)
que em teu fragil corpo se acha concentrada
a alma immorredoura desse gôso extincto.

Ri, repica o sino galhofeiramente,
na minha alma agora uma saudade plange,
e o rumor do sino, em minha pobre mente,
vae resuscitando, galhofeiramente,
das chimeras minhas a feral phalange.

Um perfume leve, mystico, tristonho,
vem tocar-me o olfacto, traspassando a porta,
sorvo-o com delicia, faz lembrar um sonho...
pois, noctivagando, mystico, tristonho,
a alma me parece de uma flôr já morta...

E relembro todo o meu fatal passado,
de saudade enorme sinto-me possuida,
por um gôso estranho, nunca, pois, gosado!
Que saudade enorme! — não do meu passado,
mas de uma outra vida, não por mim, vivida.

....

Tange longe um sino, tange alegremente,
mas tristeza espessa ora minha alma encobre,
é que bem no fundo do meu sêr soffrente,
por ouvir o sino soar alegremente,
da saudade o sino solta o triste dobre.

Luar de hinverno

Projecta-se na treva a amarellada chamma
da Lua que parece um cirio a se exgotar;
um luar de cêra se derrama...
cerôso torna-se todo o ar.

Da tristeza interior do meu sonho, contemplo
a noute aberta como um templo abandonado,
um carcomido templo.
Do céo na larga abobada ogival,
fulge, de lado a lado,
o lume das estranhas
pupillas de polychromas aranhas,
que abrem por toda a altura os olhos de crystal.

Fina
neblina,
pelos espaços,
em fios frios, em fluidos traços,
passa,
perpassa,
o ar embaraça,
a luz da Lua tornando baça.

Todo o ambiente arrefece,
faz tanto frio, que o corpo sente
um tremor persistente...
De quando em quando,
do céo sombrio,
uma aranha escorregando, lentamente,
por um fio
luzidio,
desce...
— atravessa o infinito uma estrella cadente.

....

Embevecida e quêda,
fico-me, horas inteiras, a fitar,
da neblina através da delgada urdidura,
a Lua, que se me afigura
um capulho de sêda
a se desfiar
num tear...

E a teia augmenta,
na transparencia de uma gaze
frouxa, fluctuante, alvacenta...
Torna-se a luz astral imperceptivel quasi.
Calmamente, a subir, a Lua o zenith ganha,
e tanto de neblina o ether se adensa
e a vaporosa teia se emmaranha,
que, a Lua, assim suspensa,
supponho o ovulo sêr de uma celeste aranha.

Ao fulgor magnetisante
do olhar velado e incerto das estrellas,
meu pensamento, num instante,
ascende, vagueia pelas
alturas, vôa,
erra como uma borboleta, atôa,
e, estonteado pela flamma
do olhar que o chamma,
do olhar que o attrahe e que o fascina,
sobe inda mais, sobe e, sorprezo,
vê-se, afinal, gelado, prezo,
no amplo, sêdoso e ethereo aranhol da neblina.

Intimos

A Candida Muniz Barreto da Costa

Minha avosinha, minha avosinha,
hoje quão longe de mim te estás!
Que linda Magua se me avisinha
e me recorda os primaveraes
dias vividos na infancia minha,
dias que nunca voltarão mais.

E, dessa estancia do meu Passado,
só tu perduras por sobre as ruinas,
e erguendo o vulto sereno e amado
toda a povôas, toda a illuminas.
Ah! como é doce ao meu sêr maguado
essa lembrança que lhe propinas!

E' que, na phase da minha infancia,
me foste sempre qual protector
anjo que, sobre o meu mal, minha ancia,
azas abria de nivea côr;
e inda hoje, ausente, posta á distancia,
lanças-me o pallio do teu amôr.

Mesmo da infancia pelos caminhos
tive os aculeos dos dissabores,
transpuz miserias, transpuz maninhos
desertos negros e aterradores,
que tu, cuidosa, com teus carinhos,
alcatifavas de olentes flôres.

Sempre do gôso para a anciedade
aos labios tive da dôr o fel,
pois, desde a minha mais tenra idade,
foi-me o destino triste e revel;
e só na tua dôce bondade
achei na vida um pouco de mel.

Os meus momentos mais enfadonhos
por ti me foram sempre alegrados;
os desenganos trêdos, medonhos,
de mim buscavas têr afastados,
acalentando meus pobres sonhos
na rêde de ouro dos teus cuidados.

E, recordando aquellas antigas
noutes, passadas no nosso lar,
em que, vencida pelas fadigas,
ia ao teu collo me aconchegar,
escuto aquellas velhas cantigas
que tu cantavas a me embalar.

Hoje, que o sêr trago envelhecido
pela tortura, pelo cansaço,
e em vão abrigo busco ao vencido
corpo, que sinto morrente e lasso,
punge-me a dôr de não ter morrido
no fôfo leito do teu regaço.

Lunar

Velhinha bôa, lá vem a Lua
subindo, como que a cambalear;
a Noute dorme gelada e nua
e, para o somno lhe suavisar,
sobre o seu corpo desdobra a Lua
largos e longos lençóes de luar.

Olhos luzentes, olhos dos campos,
de luz incerta, luz polycor,
além, dos longes do espaço, escampos,
brilham lampyreos pelo trevor,
lucidos olhos, olhos dos campos,
de olhar curioso, investigador.

Andam perfumes somnambulando,
emquanto as cousas dormindo estão;
o vento passa, de quando em quando,
e tudo ao vento estremece, então;
e, divagando, somnambulando,
andam perfumes pela amplidão.

Num largo lago que além se espalma
fulgura todo o lume estellar,
e a Lua ao vel-o, risonha, calma
e embevecida, põe-se a mirar
a sua sombra sobre a agua espalma,
na agua fluctuando qual nenuphar.

Passa do vento a secreta ronda,
dizendo ás cousas: «E' já manhan!»
emquanto a Lua sobe, redonda,
lembrando um seio, (que idéa van!)
e, ao chamamento da estranha ronda,
já tudo pensa no diurno afan.

No entanto é noute; mas, é tão branca
a luz que a Lua lançando vem,
que as cousas todas do somno arranca,
as almas enche de um novo bem.
Por uma noute de luar, tão branca,
póde ter somno siquer alguem?!

Faz-se na terra uma nova orgia
onde quer tudo se embebedar...
A Lua as cousas, de cima, espia;
e, amphora de ambar, suspensa no ar,
para a nocturna, terrestre orgia,
entorna o oleoso licôr do luar.

Em requebrados, em bamboleios,
com gestos lentos, langues, sensuaes,
mostram as frondes os verdes seios;
rolam as flôres dos laranjaes...
e, ebrias, as plantas, em bamboleios,
dansam as dansas das bacchanaes.

Ha sons de beijos pelos espaços,
lentos lamentos, ais de prazer...
tornam-se os olhos dos astros baços,
de quando em quando, para não vêr
laços de braços, que, nos espaços,
se abraçam todos, num só querer...

Ha paina solta nas fronderias,
paina no espaço, paina no chão;
as nuvens, no alto, de tão macias,
flocos de paina julgo que são...
e a Lua, vista entre as fronderias,
parece um fructo sêr de algodão.

Mantilhas brancas, chales de bruma,
rolam da Noute nos hombros nus;
o céo agora todo se esfuma
de nevoas que erram do espaço á flux...
e a Lua, vista através da bruma,
é um incensorio lançando luz.

Ha espasmos brancos pelas alturas,
espasma a Terra, o Infinito, o Mar...
e, já do sonho presa ás tonturas,
sinto-me como que desmaiar.
Escorregando, pelas alturas,
a propria Lua desmaia no ar.

Canção de uma doente

Ao pôr do sol de uma Chimera,
de uma Chimera ao sol se pôr,
da vida em plena primavera,
perece o meu primeiro Amôr.
Que rôxo occaso o da Chimera!
Morrente Amôr... sol a se pôr...

Era tão manso, era um cordeiro
este meu casto Amôr de creança,
sempre a pastar o dia inteiro
nos vastos campos da Esperança,
e eu a pascer este cordeiro,
desde o aureo tempo em que era creança.

Dos sonhos meus o alado bando,
um cantochão baixinho a entoar,
vaé meu Amôr amortalhando
em vestes alvas como o luar.
Quão triste canta este aureo bando!
parece um hymno á Dôr entoar.

Sempre ao surgir da tarde flava,
do meu Amôr o cordeirinho,
ancioso e trêfego, buscava
o aprisco azul do teu carinho;
mas nunca, ao vir da tarde flava,
abrigo teve o cordeirinho.

Role o oleo santo desse olhar,
chôva a agua benta do meu pranto,
para do meu amôr untar
o agonizante corpo e, emquanto
o oleo escorrer do teu olhar,
chôva a agua-benta do meu pranto.

O' dos meus annos Primavera,
das illusões traze-me a messe,
para depôr na campa austera
do meu Amôr que ora fenece!
Traze-me, ó linda Primavera,
das illusões a florea messe!

E tu, meu pobre coração,
que deste Amôr fanado e pulchro
o berço foste, agora, não
és mais que um gélido sepulchro;
encerra pois, meu coração,
todo este Amôr fanado e pulchro.

Eis, pois, extincto o antigo culto
que era o meu mal secreto e lento;
ai! quem me dera o vêr sepulto
por sob o pó do esquecimento!
Porque não finda, com meu culto,
o meu tristor secreto e lento?

E' que este Amôr desventurado
deixa-me ainda, ao meu pezar,
como seu ultimo legado,
a eterna dôr de o recordar.
Morre um Amôr desventurado,
mas nunca mais morre o pezar.

E, qual coruja, empoleirada
sobre o cypreste de minha alma,
soltando cynica risada,
as azas tetricas espalma,
a Dôr — coruja empoleirada
sobre o cypreste de minha alma.

Das illusões de outr'ora as flôres
(oh! que painel desolador!),
já vão perdendo as vivas côres,
e, sobre a campa deste Amôr,
vão se esfolhando, pobres flôres!
(Oh! que painel desolador!)

Da minha lucida Chimera
não mais terei a interna aurora,
e, no meu sêr, a noute impera;
embora a luz fulja lá fóra.
Ai! lindo sol, linda Chimera,
que nunca mais terás aurora!

O bando alacre dos meus sonhos
vae ascendendo, aos poucos, no ar,
soltando cantos tão tristonhos...
— talvez por nunca mais voltar.
Já da aza crêspa dos meus sonhos
ouço os remigios soarem no ar.

Tudo acabou, sómente, agora,
— triste velhinha carpideira —
uma saudade, afflicta, chora
a morte da paixão primeira.
Do meu Amôr que resta agora?
— esta velhinha carpideira.

—>⁂<—

Temporal

A Miguel Monteiro

No aconchego nupcial dos ninhos silenciados,
sentem de um pezadello a tetrica tontura,
as aves, despertando aos repetidos chiados
do matto, a se estorcer, dentro da noute escura.

Tudo accorda. Ha no horror dos céos congestionados
a tragica expressão de uma etherea loucura;
sôam, dentro da selva, uivos, lamentos, brados,
e o vento os ossos quebra ás arvores, tortura.

Do fuzil fura o espaço a fulgida fagulha,
a fronderia, ao vento, estoura como uma onde,
e logo após se acalma, e logo após marulha.

Num frio estillicidio a chuva tomba, agora;
rapido, o raio risca a treva, e estala, e estronda,
e o matto chia... e o vento geme... e a chuva chora...

—※—

Noute selvagem

Entro na selva. A noute é espessa. De centennas
de pyrilampos toda a matta se illumina;
astros movem no espaço as rutilas antennas,
como insectos de luz, numa etherea campina.

Ergo ao céo, desço á terra a assombrada retina,
e ante as luzes astraes e ante as luzes terrenas,
a terra e o céo, o céo e a terra, julgo, apenas,
um só céo que se estende, alonga e não termina.

Em cima ha tanta luz que o olhar erguido pasma!
Cada estrella parece um luminoso miasma
a medrar, a fulgir da treva na espessura.

E a noute de tão negra, e tão ampla, e tão densa,
é um pantano infinito, uma lagôa immensa,
a decompôr-se em luz, a effervescer na altura.

Insomne

Noute feia. Estou só. Do meu leito no abrigo
cae a luz amarella e doentia do luar;
tediosa os olhos fecho, a vêr, si, assim, consigo,
por momentos siquer, o somno conciliar.

Da janella transpondo o entreaberto postigo
entra um perfume humano impellido pelo ar...
«E's tu meu casto Amôr? és tu meu doce amigo,
que a minha solidão vens agora povoar?

A insomnia me allucina; ando num passo incerto:
«E's tu que vens... és tu! reconheço este odôr...»
corro á porta, escancaro-a: acho a Treva e o Deserto.

E este arôma que é teu, aspirando, supponho
que a essencia da tua alma, ó meu divino Amôr!
para mim se exhalou no transporte de um sonho.

—⁂—

Quadras simples

O' Lua, velha fiandeira
que andas mollemente a fiar,
ás vezes a noute inteira,
o linho branco do luar!

Porque eu tanto assim te queira,
por tanto, Lua, te amar,
dá-me, na hora derradeira,
uma mortalha de luar.

* * *

Certo, nas noutes de Lua,
tua alma errante de poeta,
em pleno espaço fluctua
numa escalada secreta.

E, ao pallio que a Lua espalma,
buscando a tua encontrar,
dentro da noute, a minha alma
se eleva, tacteando no ar.

Ha-de, com toda a certeza,
casar-se a minha alma á tua,
nessa capellinha accesa,
na alva capella da Lua.

E, como um monge velhinho,
rezando tremulo, o luar,
ha-de, com todo o carinho,
o nosso enlace abençoar.

Assim, pelas noutes calmas,
num leve e mystico abraço,
poderão as nossas almas
unir-se, ao menos, no espaço.

Ser mulher...

Ser mulher, vir á luz trazendo a alma talhada
para os gosos da vida: a liberdade e o amôr;
tentar da gloria a etherea e altivola escalada,
na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
para poder, com ella, o infinito transpor;
sentir a vida triste, insipida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideaes...

Ser mulher, e, oh! atroz, tantalica tristeza!
ficar na vida qual uma aguia inerte, preza
nos pezados grilhões dos preceitos sociaes!

Invocação ao Somno

Somno! da tua taça bronzea e fria
dá que eu possa sentir o ether, a anesthesia...
Eis-me, corpo e alma inteira,
para essa tua orgia.
Busco esquecer a minha hypocondria
na tua bebedeira.
Quero sentir o teu deliquio brando
apoderar-se do meu sêr,
e cochilando,
bamboleando,
ir, lentamente, escorregando,
pelo infinito do prazer.

Vem meu languido amante,
deixa-me, no teu suave e remansoso seio,
no teu seio gigante,
sem ancias, sem pezar, sem dôres, sem receio,
repouzar um instante.

. . . .

Vem! já de mim se apossa um sensual arrepio,
todo meu sêr, se fica em total abandono...
Dá-me o teu beijo frio,
Somno!
Deixa-me espreguiçar o corpo esguio,
sobre o teu corpo que é, como um frouxel, macio.

....

Eis-me, languida e nua,
para a volupia tua.

....

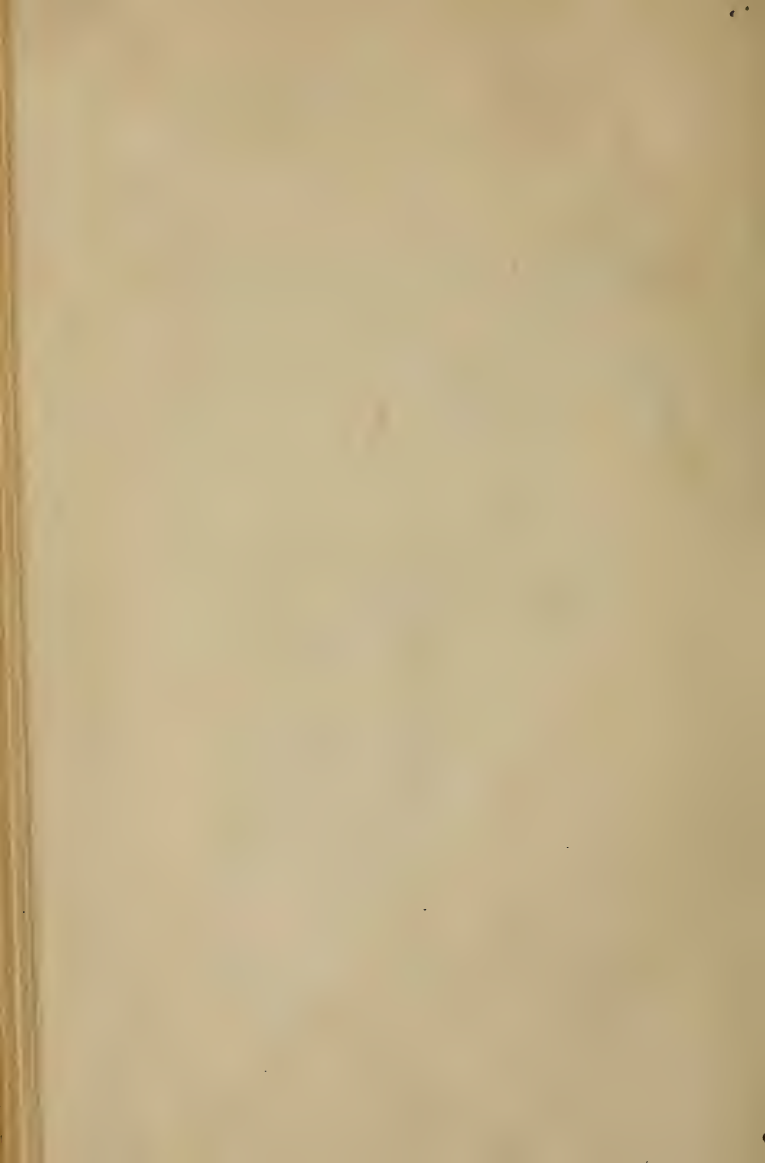
Faze a tua caricia,
como um oleo, passar pela minha epiderme;
essa tua caricia, humectante e emolliente,
que no corpo me põe colleios de serpente
e indolencias de verme.

....

A vida
é uma descida;
mas tu, Somno, me dás a ineffavel delicia
de ensaiar a escalada
para a Morte — a ascensão á gloria ambicionada;
mas tu, Somno, és a calma, és a mudez propicia
á suave antevisão da ampla Chanaan do Nada.

Quem, como eu, da existencia, apenas, sente
a dôr atróz, a realidade bruta,
e traz numa agonia persistente
a alma e, em vão, onde mora a ventura perscruta,

só na tua embriaguez acha confôrto.
Lança-me agora e sempre essa tua blandicia,
deixa-me descansar o corpo semi-morto
e a alma desilludida...
Faze com que, da tua paz ficticia,
á paz eterna me transporte,
Somno — morte da Vida!
Somno — vida da Morte!

*
* *

△ *Terminou-se a impressão deste livro, aos trinta e um de Dezembro de mil novecentos e quinze, nas officinas graphicas da* **Revista dos Tribunaes** — *Rua do Carmo, numero cincoenta e cinco — Rio de Janeiro.*

*
* *